

# A Esquerda Europeia

## contra a guerra e a precariedade

O IIº Congresso da Esquerda Europeia reúne-se quando o futuro da própria Europa se joga em três desafios cruciais:

1. A ameaça de uma nova guerra promovida pela administração Bush, agora contra o Irão, está em marcha.

Em 2003, a Casa Branca acusou o Iraque de ter armas de destruição maciça. Com essa mentira procurou legitimar a invasão e ocupação desse país.

Em 2007, a história repete-se. Washington quer convencer o Mundo que Teerão se encontra à beira de possuir a arma nuclear. Esta nova mentira é o pretexto para um novo e trágico passo na escalada da violência lançada sobre os povos do Médio Oriente.

Como em 2003, a Casa Branca procura manipular as Nações Unidas e dividir a Europa e o Mundo Árabe ante factos consumados. A invasão do Iraque, formalmente decidida na cimeira dos Açores, ocorreu quando os partidários da guerra se encontravam em minoria no próprio Conselho de Segurança da ONU, e quando as inspecções alcançavam resultados que destruíam os argumentos do militarismo. Também agora a pressão aumenta, quando se sabe que o conflito sobre o programa nuclear iraniano se pode resolver pela via negocial e das inspecções.

O que é novo neste fim de 2007, é que as aventuras militares, no Iraque ou no Afeganistão, se revelam como uma tragédia para os povos desses países e como um desastre para as forças de ocupação. No entanto, é o fracasso da guerra que, paradoxalmente, aumenta os riscos do seu alargamento a novos teatros de operações.

A administração Bush multiplica os pretextos para novas aventuras militares. Depois de ter apoiado a agressão de Israel ao Líbano, bloqueia agora qualquer solução para o impasse político em que este país está mergulhado. E depois de ter imposto um bloqueio ao povo e ao governo democraticamente eleito pelos palestinianos, patrocina agora uma

conferência internacional que visa amarrar o Presidente a um acordo que só pode aprofundar o desespero das massas palestinianas.

Para a administração Bush, o caos no Médio Oriente é resultado e objectivo. No caos só as armas falam. Ganham militaristas, terroristas e mercenários. E perdem os povos.

As opiniões públicas que tomaram as ruas em 2003 devem, de novo, mobilizar-se. Muitos governos europeus foram, em 2003, cúmplices e participantes activos da invasão do Iraque. Desde então, vários caíram pela vontade dos eleitores e a força de ocupação perdeu representatividade. Mas a diminuição da presença europeia no Iraque não se traduziu numa nova política para a região.

A União Europeia mantém o seu alinhamento com Washington na Palestina e continua a admitir a solução militar contra Teerão como opção legítima.

A Esquerda Europeia, que rejeita o militarismo e a agressão imperial, opõe-se a esta lógica que conduz ao abismo.

2. A crise do mercado hipotecário nos Estados Unidos, com os seus impactos na Bolsa, revelou a fragilidade de um sistema financeiro assente na especulação. Os primeiros sinais de uma nova recessão nos Estados Unidos, apesar de a sua economia beneficiar da atracção massiva de capitais externos e de uma desvalorização agressiva contra o euro, repercutem-se na Europa e agravam os riscos de desemprego, de precarização e de ataques sociais contra os direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores.

A persistência das políticas anti-populares de governos europeus, alicerçadas no Pacto de Estabilidade e Crescimento e na destruição de serviços públicos – em particular na saúde, na educação e na segurança social – já criou vulnerabilidades sociais importantes na Europa. Existe hoje um desemprego massivo, que não foi significativamente reduzido com a recuperação cíclica da economia: a Europa corre por isso o risco de se aproximar de novas tensões recessivas com um desemprego e um nível de precarização do trabalho historicamente inéditos e com sistemas de apoio social desvalorizados e degradados.

A flexigurança, historicamente um conceito que expressou as relações de força entre Capital e Trabalho nos países do Norte da Europa, transformou-se hoje num pilar da ideologia e das políticas neo-liberais que pretendem desarticular a contratação colectiva e diminuir a protecção legal contra o despedimento sem justa causa. O que está em causa é uma nova ofensiva para anular conquistas seculares do Trabalho na sua confrontação com o Capital.

3. O terceiro desafio que está colocado à Europa é o da ratificação do Tratado Reformador. Os governos europeus querem evitar a todo o custo a consulta popular, depois do projecto de Tratado Constitucional ter sido rejeitado por franceses e holandeses em referendos extraordinariamente participados.

O novo Tratado é, na substância, o mesmo que as urnas derrotaram. Cai a carga simbólica, mas reafirmam-se todas as principais políticas constantes do defunto Tratado Constitucional, bem como uma arquitectura de poder que reforça o peso dos governos na decisão política e, nestes, o das principais potências europeias.

O que está em causa é saber se a Europa pode continuar a construir-se de costas voltadas para os povos e os cidadãos e cidadãs que nela vivem e trabalham.

O que está em causa é saber até quando as elites se continuarão a apropriar do projecto europeu, moldando-o em benefício dos seus interesses.

Independentemente da opinião que cada uma e cada um possa ter sobre o novo projecto de Tratado, está em causa saber se terá o direito e a oportunidade de a exprimir em consultas populares.

A Esquerda Europeia é contrária ao Tratado que se finaliza em Lisboa. Todas as críticas que dirigimos ao Tratado Constitucional se aplicam ao novo texto. Ele desenha uma Europa neo-liberal na economia, ausente no domínio social e dos serviços públicos, estrategicamente integrada na NATO e com um pesadíssimo défice de democracia na tomada de decisões. Estas são razões fortes para que na Europa os povos tenham a possibilidade de se pronunciar. Mas existe uma outra, da qual depende o futuro da própria Europa: só se pode

resolver o profundo divórcio que a década e meia de Maastricht abriu entre “os de cima” e “os de baixo” devolvendo a palavra a estes. O projecto europeu ou é democrático ou, simplesmente, acabará por definhar e morrer.

## 2. Um sistema de cooperações reforçadas para a mobilização urgente

Perante os perigos de uma nova escalada na guerra, o avanço das políticas que precarizam o Trabalho e destroem a contratação colectiva, e a perspectiva de uma ratificação do Tratado sem consulta aos povos, o IIº Congresso da Esquerda Europeia responde com determinação e em escala europeia. Queremos ajudar a promover e articular a convergência na acção dos partidos, movimentos e activistas.

Respeitando as agendas nacionais e as decisões tomadas soberanamente por cada força política, a Esquerda Europeia adopta um sistema de cooperações reforçadas para cada um destes três eixos.

O Congresso decide lançar em 2008 três campanhas políticas, assentes na cooperação reforçada entre os seus membros e movimentos, partidos e activistas que nelas se queiram envolver:

1. Uma campanha política de mobilização contra as ameaças de guerra, que seja compatível e complementar das acções do movimento de Paz.
2. Uma rede de iniciativas europeias contra a precarização do Trabalho e, em particular, contra a flexigurança, que mobilize os sectores mais combativos do sindicalismo europeu e as esquerdas que não se resignam à lei do “mal menor”.
3. O Congresso mandata ainda os seus órgãos executivos para acompanharem o processo de ratificação do Tratado Reformador, apoiando muito em particular as situações onde referendos se possam concretizar.